

Meta-Arte na

25^a Bienal Internacional
de São Paulo

uma exploração conceitual

O Atlas do Aleph

Alfons Hug

... Assim como no Aleph, onde um minúsculo ponto no espaço contém todos os pontos de um cosmo inconcebível, as imagens da nossa exposição mostram a diversidade, o contraditório e o multifacetado da Terra.

No Atlas do Aleph aparecem não menos de setenta países de ambos os hemisférios, bem aquinhoados e pobres, pacíficos e belicosos, além de 11 metrópoles, radiantes e inabitáveis.

O Atlas do Aleph

Alfons Hug

Por fim, o Aleph dirige o seu raio de luz refulgente também sobre aquela cidade ainda não descoberta, utópica, que Calvino denomina exclusivamente com nomes femininos, como Izaura, Marozia e Zora, e que nós chamaremos, em nossa exposição, de "12ª cidade". ...

Iconografias Metropolitanas

Alfons Hug

O tema da 25ª Bienal de São Paulo "Iconografias Metropolitanas" não se refere apenas à imagem da metrópole na arte contemporânea, mas também a maneira pela qual correntes de energia urbana influem nos artistas contemporâneos.

Partimos neste tocante da premissa de que também nos dias atuais, como já ha 100 anos nos casos de Paris, Berlim e Moscou, as metrópoles definem substancialmente o perfil da criação artística.

Iconografias Metropolitanas

Alfons Hug

E agora as novas megalópoles que nas últimas décadas cresceram quase exclusivamente na Ásia, África e América Latina, despertam cada vez mais atenção. Nelas transcorrem os grandes dramas urbanos, são testadas novas formas de convívio humano e desenvolvidas novas estratégias de sobrevivência.

No laboratório das metrópoles surge por fim, também a massa crítica que transforma o Zeitgeist (espírito da época) em arte. Mas diante do simples tamanho de muitas megacidades, dentre elas a própria São Paulo, coloca-se também a pergunta de como os artistas lidam com o problema da escala.

Iconografias Metropolitanas

Alfons Hug

Como a obra de arte concorre com as dimensões metropolitanas ? Diante da velocidade e complexidade dos processos urbanos existe o risco de a arte ficar "a reboque" da cidade ao invés de correr a sua frente e indicar-lhe a direção? Será que a arte é domesticada pela cidade ? ...

A Bienal organiza no âmbito das "Iconografias Metropolitanas", uma exposição internacional que apresenta o estado da produção artística mundial com base do exemplo das seguintes 11 metrópoles: São Paulo, Caracas, Nova Iorque, Joanesburgo, Istambul, Pequim, Tóquio, Sidney, Londres, Berlim e Moscou.

Iconografias Metropolitanas

Alfons Hug

Cada cidade é representada por cinco artistas sem que se considere a nacionalidade dos mesmos. Curadores de renome especialmente familiarizados de suas cidades participaram da seleção.

Embora a escolha das 11 metrópoles tenha sido necessariamente subjetiva, ela reivindica uma certa plausibilidade no quadro da concepção adotada. Os critérios foram o potencial artístico da cidade e sua "massa crítica", ao lado de uma distribuição global geográfica e geocultural que considere também adequadamente o hemisfério sul e outras regiões extra-européias.

Cidades

Postdamer Platz

Michael Wesely

Berlin

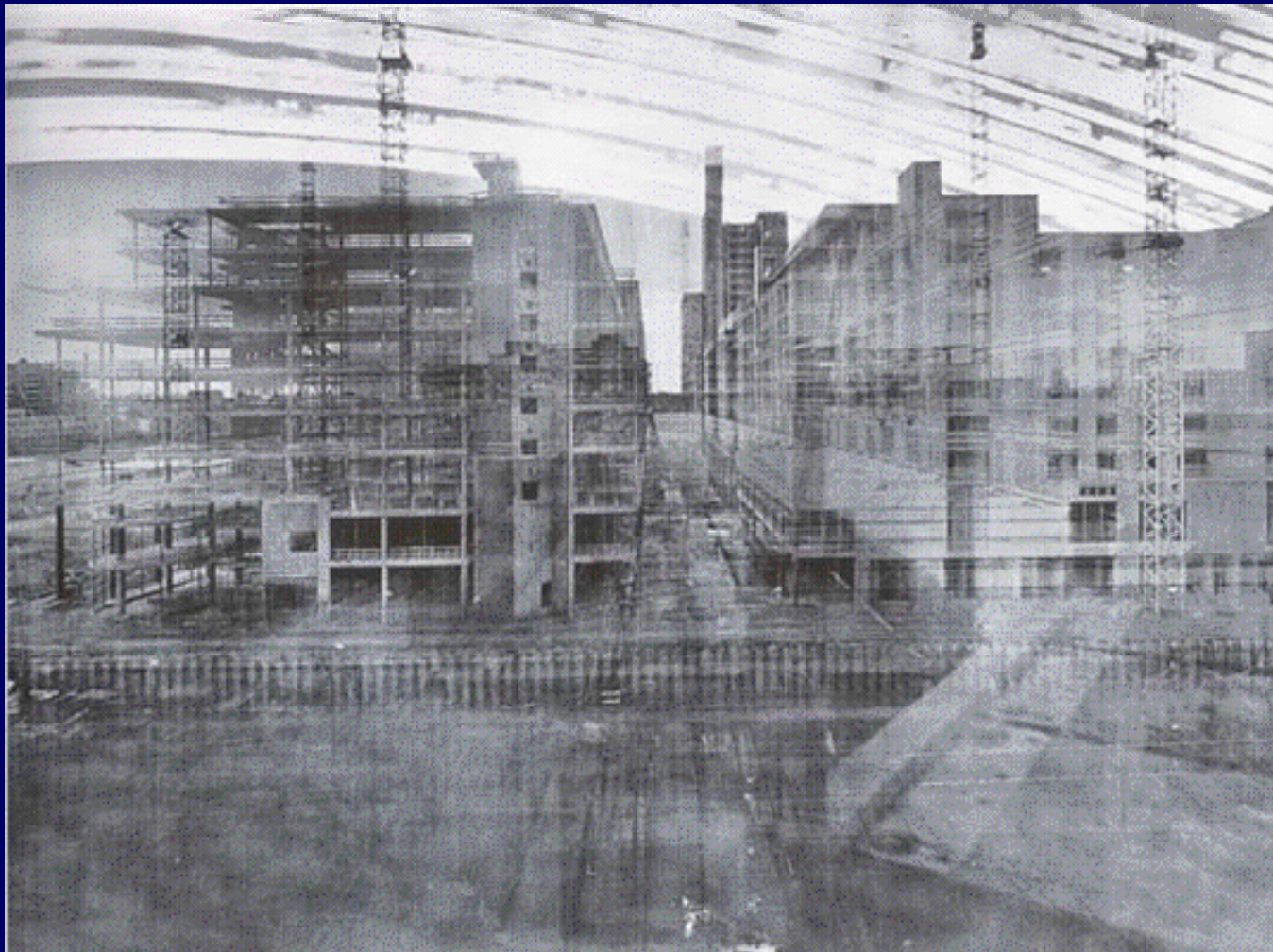
Michael Wesely, que empregando uma câmara fotográfica especialmente construída e com um tempo de exposição de dois anos, condensou os trabalhos de construção na praça de Potsdam, em Berlim, numa série de lacônicas fotografias em preto-e-branco, que retardam artificialmente ao extremo o agitado movimento no maior canteiro de obras da Europa.

Alfons Hug

Postdamer Platz

Michael Wesely

Berlin



Break Down

Michael Landy

Londres

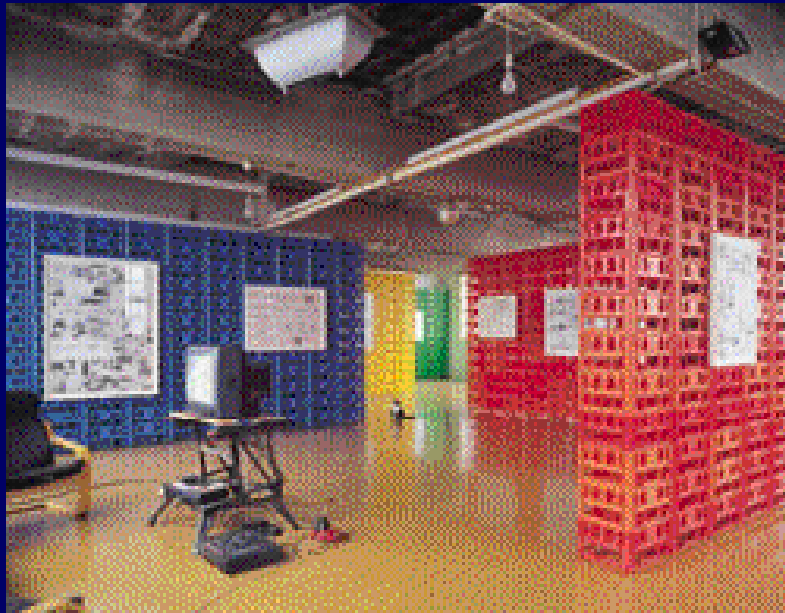
Michael Landy, que pratica *action art*, rompeu completamente com a cidade. Nos últimos anos ele alugou na Oxford Street uma loja vazia. Montou ali uma esteira rolante, contratou dez trabalhadores e trouxe todos os seus pertences para esta fábrica provisória.

Era um total de perto de 5000 peças que o haviam acompanhado durante a vida: roupas, livros, móveis, ate obras de arte, suas próprias e alheias. Também o seu carro foi trazido e cuidadosamente desmontado por um mecânico especializado. Os operários punham todos os objetos sobre a correia, selecionavam-nos e os enviavam para uma trituradora que reduzia os pertences de Landy a pedaços.

Break Down

Michael Landy

Londres



Passadas duas semanas, tudo tinha virado pó, o *anti-design* total. Claro que o artista não tinha deixado de registrar minuciosamente todos os objetos num computador, produzindo, durante a ação de desintegração, um longuíssimo inventário.

Break Down

Michael Landy

Londres

A peça que recebeu um número, F250, era um cabo elétrico branco; C249, uma cueca suja de marca Calvin Klein; A7, uma obra de arte de sua colega Tracey Emin intitulada *Be Faithful to Your Dreams*. Provavelmente, um presente. A implacável correia transportadora engolia tudo, até mesmo o passaporte de Landy. No fim da performance, assistida diariamente por milhares de espectadores, sobrou apenas o artista, com nada mais do que o macacão que vestia.

Alfons Hug

Break Down

Michael Landy

Londres



Break Down

Michael Landy

Londres



Break Down

Michael Landy

Londres



Vazadores

Rubens Mano

São Paulo

Um dos módulos da caixaria que perfaz a fachada menor do prédio da Bienal, projeta-se para fora. O transeunte talvez estranhe aquela construção, talvez se aproxime dela, talvez a examine com cuidado e, quem sabe, note que o vidro a fecha é móvel, que empurrando-o ele o abra e terá acesso a um corredor que o levará ao interior do prédio.

O artista implantou uma perturbação na estrutura cristalina do prédio, efetuou uma dobra, uma passagem secreta, num espaço cuja planificação era inteligível à primeira vista.

Vazadores

Rubens Mano

São Paulo

Ora, essa ruptura tem várias implicações; de saída devem-se considerar que ao limite físico do trabalho, situado na borda do prédio, sobrepõem-se o limite da própria instituição. E a evasão de renda provocada por aqueles que ingressarão sem pagar? E o perigo de alguém sair do prédio levando alguma coisa roubada?

A diretoria da instituição impôs limites ao trabalho. Deveria haver controle da situação e, para tanto, um segurança ficaria nas imediações noite e dia.

Vazadores
Rubens Mano

São Paulo

... ao controle determinado pela instituição o artista retrucou com um outro controle: junto aos outros quatro artistas que representam São Paulo, Rubens Mano colocou uma mesa e duas cadeiras. Numa delas um segurança contratado por ele estará atento a um monitor que transmite uma vista do trabalho exibindo tudo que lhe aconteça ao longo do dia.

Ao seu lado, um aparelho de radiotransmissão permitirá que qualquer ocorrência seja imediatamente comunicada ao artista.

Agnaldo Farias

Vazadores
Rubens Mano

São Paulo



Processo de produção de faixas

Ayşe Erkmen

Instambul

Ayşe Erkmen participa de Iconografias Metropolitanas com um projeto de conotação mais socio-política, que relaciona o espaço da mostra com uma favela da região de Santana, em São Paulo.

Seu projeto é constituído por faixas (*banners*) artesanais, produzidas por uma moradora da favela, com mensagens dos seus habitantes, as faixas deverão ser suspensas na balaustrada da rampa, abarcando toda a abóbada, a fim de transformar o espaço neutro da exposição num cenário urbano, num estádio.

Processo de produção de faixas

Ayse Erkmen

Instambul

Servindo de porta-voz a reivindicações, desejos, reclamações, avisos ou o que quer que o povo da favela queira expressar, Erkmen abre um espaço para os ignorados, negligenciados e até para os evitados. Numa época em que as disparidades socioeconômicas atingiram limites extremos em virtude do processo de globalização econômica, o projeto de E propõe ao mesmo tempo, uma posição política e um hibridismo visual.

Fulya Erdemci

Processo de produção de faixas

Ayse Erkmen

Instambul



Detenção em Casa

Isay Wenfeld/ Márcio Kogan

12^a cidade

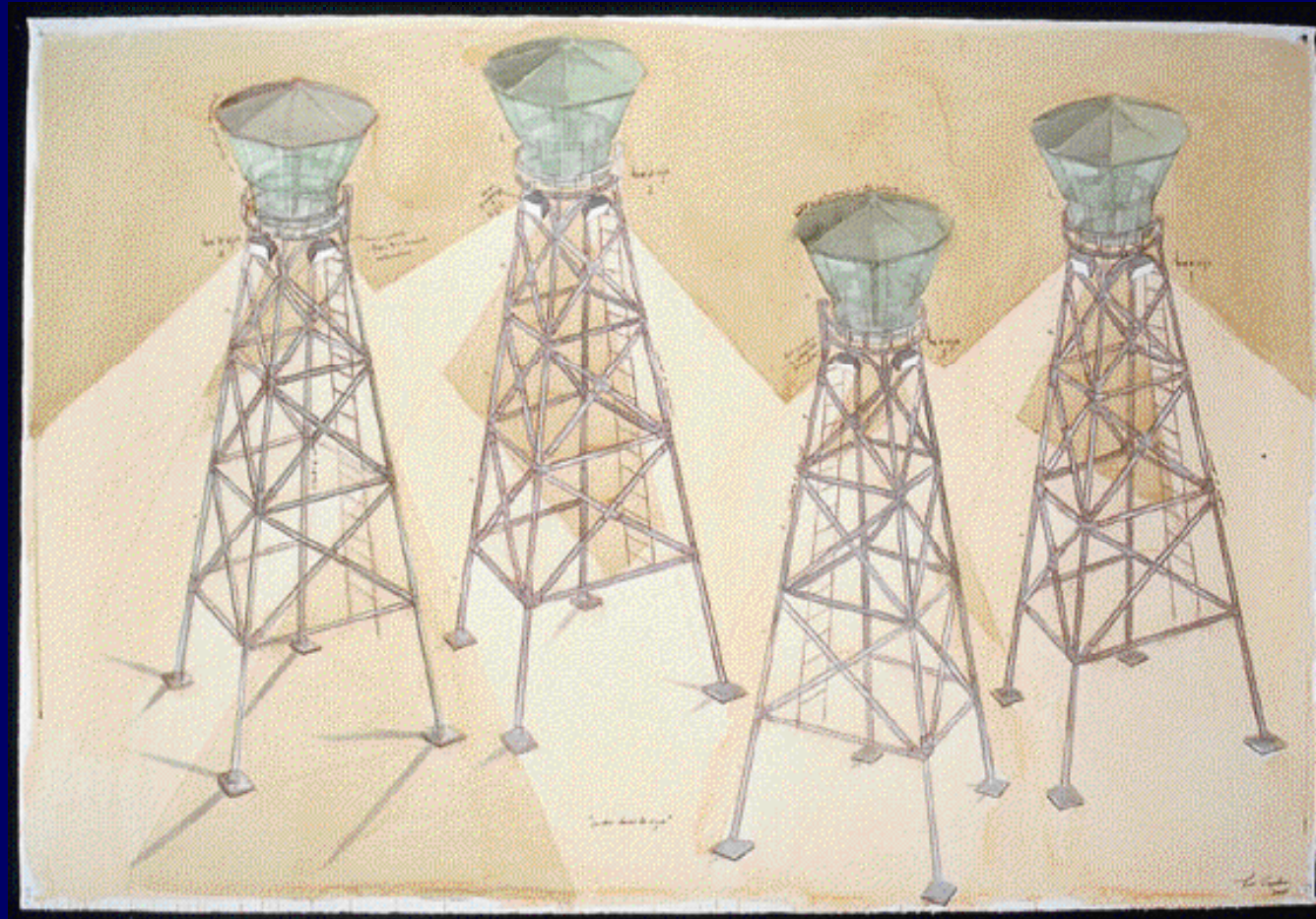


Países

Torres de Vigia (projeto/desenhos)

Los Carpinteros

Cuba



Sportopia

Atelier van Lieshout

Holanda

A obra *Sportopia*, construída com materiais padrão rústicos como andaimes de ferro e ferramentas e pesos de concreto, consiste numa academia de ginástica e num centro de lazer. As duas partes são rejuntadas de costas uma para a outra. De um lado, há uma escada que dá acesso a uma plataforma com colchões com espaço de descanso para 30 pessoas; um chuveiro e um toailete compostos estão a disposição.

Sportopia

Atelier van Lieshout

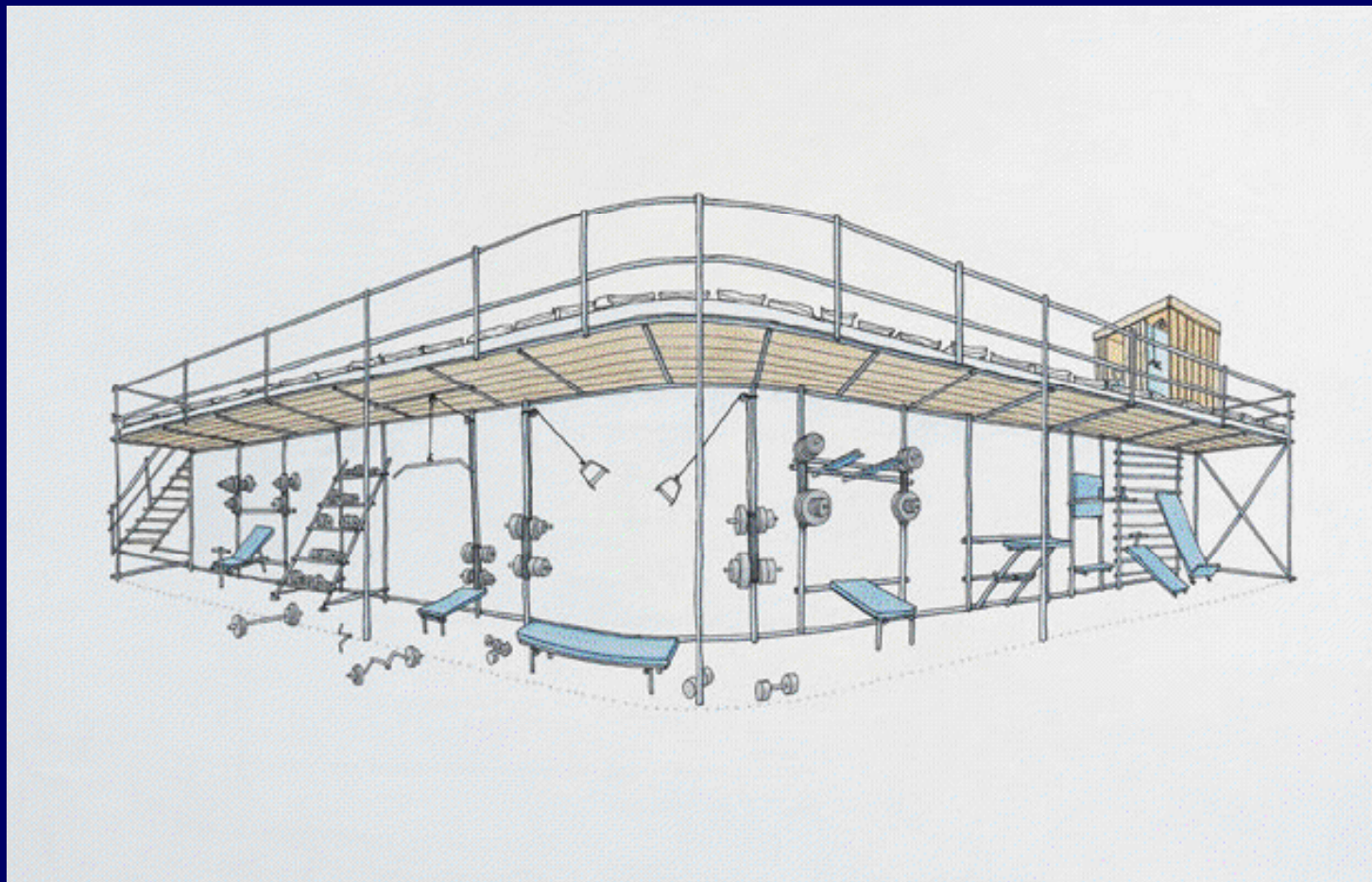
Holanda

Van Lieshout é fascinado pela obsessão das pessoas com o corpo, com o esforço infinito, de um lado, e sua excessiva preocupação com o relaxamento de outro. *Sportopia* nos dá a oportunidade de ir além de nossos limites. (Lily van Ginneken)

Sportopia

Atelier van Lieshout

Holanda



Vigie

Fabrice Gygi

Suiça

[...] por meio de atividades performáticas, instalações ou esculturas, Fabrice Gygi tenta desmascarar a hipocrisia advinda do autoritarismo presente em nosso cotidiano. [...] Isso se faz visível na segurança por trás dos ambientes que o artista cria, por exemplo, barreiras erguidas com malas, apropriação do equipamento usado pela polícia em greves, ou a reprodução de estruturas de segurança óbvias.

Vigie

Fabrice Gygi

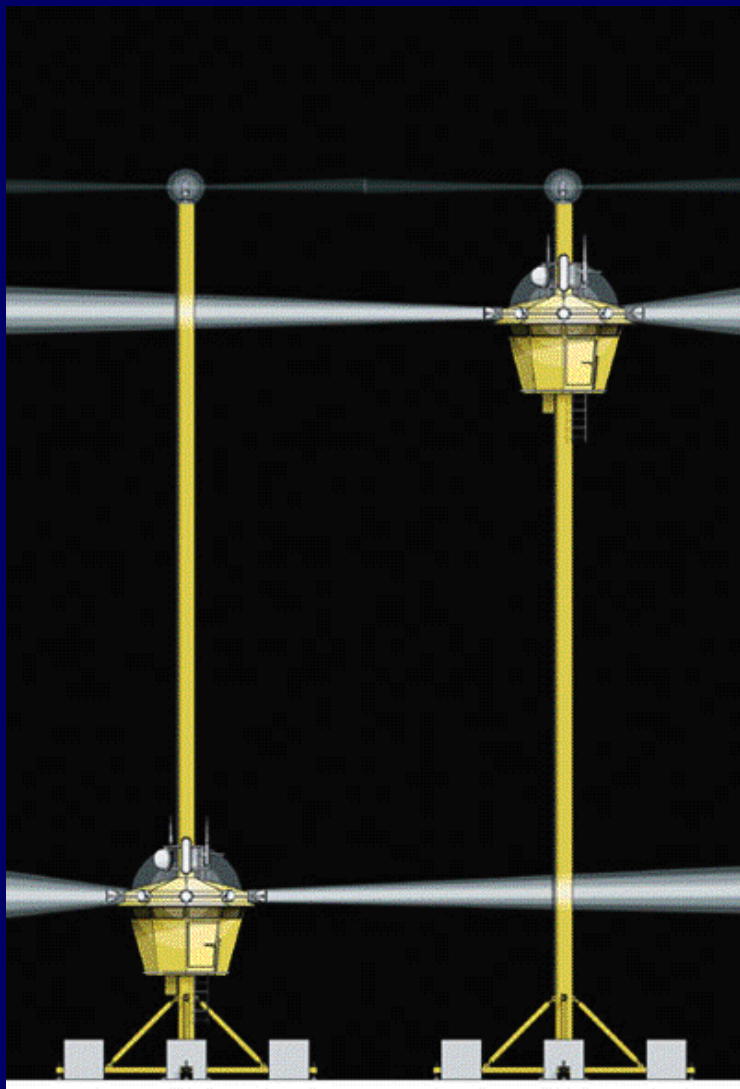
Suiça

Como um abrigo de sentinelas, a obra de Gygi, intitulada Guarita, lembra os sistemas pan-óticos de vigilância, expondo simultaneamente a presença insidiosa desses sistemas na realidade e o autoritarismo inerente a instituição que os utiliza.

Lionel Bovier

Vigie
Fabrice Gygi

Suiça



Que futuro tem nossa arte ?

Chéri Samba

Congo

Num quadro recente, *Quel Avenir Pour Notre Art ?* (Que Futuro Tem Nossa Arte ?), Chéri Samba escreve: "Que futuro tem nossa arte num mundo em que a maioria dos artistas africanos é oprimida ? A única solução é ser aceito no resto do mundo, portanto, expor nos Museus de Arte Moderna. Sim, mas ... o Museu de Arte Moderna não é racista ? Que futuro tem a nossa arte ?"

Que futuro tem nossa arte ?

Chéri Samba

Congo

Este quadro em que ele aparece com Picasso é uma maneira de homenagear todos os artistas africanos pretensamente anônimos que, fazendo máscaras tradicionais inspiraram o cubismo. "É uma maneira de dizer que há artistas em todo o mundo e que o Ocidente, que não considerava artísticas as nossas máscaras, é hipócrita. Eu denuncio essa hipocrisia. A arte não tem fronteiras. Meu reconhecimento no Ocidente é motivo de orgulho para o meu povo. Mesmo sem ter freqüentado as academias de vocês, eu acho que não estou distante dos Michelangelos."

André Magnin

Que futuro tem nossa arte ?

Chéri Samba

Congo



Representação Brasileira

Gargue

Eliane Prolik

Brasil

A curitibana Eliane Prolik volta à Bienal depois de quinze anos, para apresentar-nos *Gargue*, um túnel estreito de tecido branco com 20 metros de extensão, por 1,30m de largura e 2,5m de altura, através do qual o visitante deverá caminhar. Envolto por uma atmosfera translúcida, efeito do tule, o visitante encontrará frases pertencentes à etapa pré-verbal, balbucios infantis, murmúrios suspensos nas diáfanas paredes de pano, como se o túnel fosse uma garganta, espaço de passagem dos sons.

Gargue

Eliane Prolik

Brasil

Do lado de fora, o visitante encontrará oito máquinas de vender doces, outro trabalho de Prolik para esta Bienal. Dentro delas, uma grande quantidade de um doce que deverá ser comido pelo visitante e cujo formato corresponde ao molde reduzido do vazio da boca do artista. Enquanto o visitante penetrava no primeiro trabalho, neste ele será penetrado.

Gargue

Eliane Prolik

Brasil

Enquanto o primeiro é uma atmosfera intangível, um cancelamento do espaço arquitetônico onde está instalado, este é excessivamente material, um concentrado energético, além de um considerável obstáculo à expressão verbal daquele que o colocar na boca.

Agnaldo Farias

Gargue
Eliane Prolik

Brasil



Auto Bang

Chelpa Ferro

Brasil

Chelpa Ferro é o nome de um grupo carioca formado por artistas que trafegam com desenvoltura entre as artes visuais e a música, mais precisamente entre o rock e toda a avalanche visual do nosso tempo. Para o Chelpa, o rock equivale a uma nova ordem musical, uma poética da inclusão, onde todos os sons são aceitos, dos naturais àqueles gerados eletronicamente, passando por toda sorte de sons incidentais, os mesmos que o nosso ouvido, acostumado com a escala cromática e dodecafônica, insiste em chamar de ruído.

Auto Bang

Chelpa Ferro

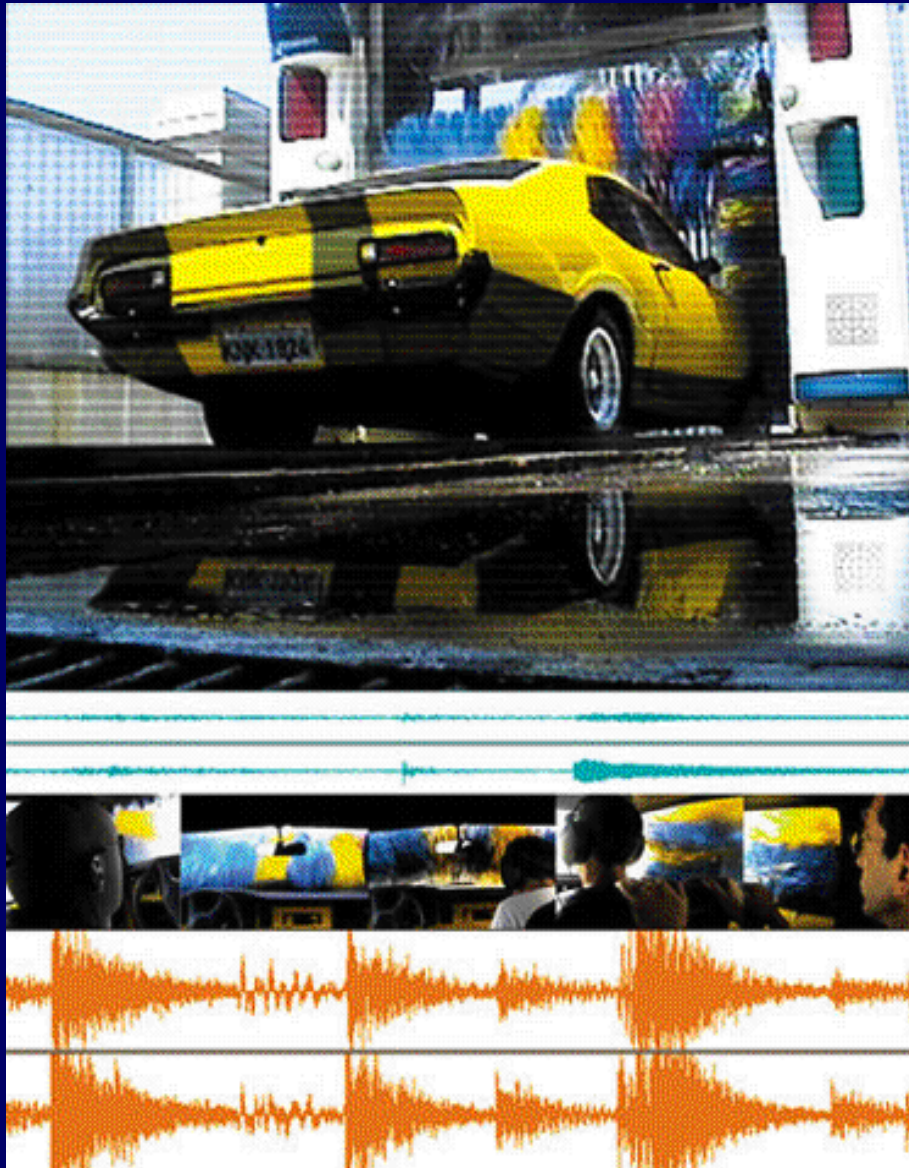
Brasil

Nesta Bienal, a sala destinada ao grupo recolherá o resultado colhido de sua performance *Auto Bang*, realizada durante a abertura do evento, quando um lindo e equipado carro esportivo, ornamentado com toda sorte de signos e referências visuais dos artistas, é por eles destruído e tem suas partes remontadas e transformadas em esculturas sonoras.

Agnaldo Farias

Auto Bang Chelpa Ferro

Brasil



Arquitetura Paralaxe

Alexandre Pilis

Brasil

“Paralaxe s. Deslocamento aparente ou diferença na posição aparente de um objeto, causado pela mudança (ou diferença) do ponto de observação”
The Oxford English Dictionary

“Arquitetura Paralaxe: Inteligência Coletiva” explora e desarticula o teorema da paralaxe nos vários movimentos pelos quais os participantes do projetos desterritorializam suas experiências culturais, recodificando seus significados.

Arquitetura Paralaxe

Alexandre Pilis

Brasil

Esse projeto intersecta a máxima de John Berger, “Modos de ver”. Como vemos e o que dizemos está circunscrito em um vasto espaço de comportamentos aprendidos da tradição do oral ao pedagógico. “Ao desenvolver únicos, múltiplos, públicos; a fim de examinar, articular e atualizar um paradigma parallax para o ver não ver. Tal discurso resolve o problema da diferença geradora do processo de contínua criação que engendra novos significados para o próprio discurso” como diz Pedro Milliet.

Arquitetura Paralaxe

Alexandre Pilis

Brasil

60 dias da Bienal. 60 “interfaces”. Percursos ativos de criação:

As 60 interfaces apresentarão na Bienal diariamente para um grupo de pessoas deficientes visuais, cegos ou não, públicos, seus percursos de ressignificação do espaço público (superfície) e ou de seus espaços particulares (profundidade). Duração dos percursos: 1 hora.

Arquitetura Parallaxe

Alexandre Pilis

Brasil

Os 60 profissionais convidados (“interfaces”):
curadores, médicos, críticos, escritores, cientistas,
artistas, físicos, músicos, cineastas, matemáticos,
atrizes, filósofos, semioticistas, escritores,
taxistas psicanalistas, dançarinas, historiadores,
oftalmologista, poeta, ginecologista, afinadores
de piano, chef de culinária, humorista...

Arquitetura Paralaxe

Alexandre Pilis

Brasil

Trata-se, genuinamente, de uma ação social que integra a comunidade, as artes, a arquitetura e a ciência, num vasto processo ativo de inteligência coletiva. Tematicamente cada profissional expõe seu ponto de vista, seu trabalho, a questão do ver ou não ver. O que vemos, como vemos, o que esperamos ver, o que pensamos estar vendo.

A Bienal, os diversos trabalhos, as várias idéias, a metrópole, a multiplicidade dos estratos de sentido e objetos mediadores trazidos pelos “interfaces”, são recursos para articular a condição existente no momento da cegueira, como metáfora para o colapso da profundidade de campo.

Alexander Pilis

Arquitetura Parallaxe

Alexandre Pilis

Brasil



Rua de Mão Dupla

Cao Guimarães

Brasil

A discussão sobre o que se retém desse mundo em fragmentos ocorre por muitas vezes nessa edição da Bienal. O cineasta mineiro Cao Guimarães convidou pares de pessoas que não se conhecem a trocar de casas durante vinte e quatro horas. De posse de uma câmara de vídeo, cada um registrou tudo o que lhes pareceu significativo do outro, índices supostamente capazes de permitir a construção de um retrato falado.

Agnaldo Farias

Rua de Mão Dupla

Cao Guimarães

Brasil

